

Canceiro, Nádia

**Construções de mas com valor de negação de expectativas em Português Europeu**

*Études romanes de Brno*. 2024, vol. 45, iss. 4, pp. 46-64

ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (DOI): <https://doi.org/10.5817/ERB2024-4-3>

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/digilib.81313>

License: [CC BY-SA 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

Access Date: 20. 02. 2025

Version: 20250219

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

---

# Construções de *mas* com valor de negação de expectativas em Português Europeu

## Counterexpectational *but* Sentences in European Portuguese

NÁDIA CANCEIRO [nadia.canceiro@edu.ulisboa.pt]

Universidade de Lisboa, Portugal

---

### RESUMO

O português europeu, o francês e o inglês distanciam-se de línguas como o espanhol ou o alemão pelo facto de apenas possuírem uma conjunção adversativa. Casos como o do português são, na literatura, referidos como ambíguos por uma conjunção veicular vários valores (Horn 2001), como contraste, correção ou negação de expectativas. Neste trabalho, propomos o *contraste* como o valor base de *mas* e iremos analisar o seu subvalor de *negação de expectativas*, observando como se estabelece esta leitura em frases adversativas, o que se entende por expectativa, as implicaturas pragmáticas associadas a estas construções e, por fim, a estrutura sintática que lhes está subjacente.

### PALAVRAS-CHAVE

Coordenação adversativa; conjunções; valores semântico-pragmáticos; configurações sintáticas

### ABSTRACT

European Portuguese, French and English differ from languages as Spanish or German in that they only have one adversative conjunction. Cases like that of Portuguese are referred to in the literature as ambiguous because one conjunction conveys several values (Horn 2001), such as contrast, correction or denial of expectations. In this paper, we propose *contrast* as the basic value of *mas* ('but', in English) and will analyze its subvalue of *denial of expectations*, looking at how this reading is established in adversative sentences, what is meant by expectation, the pragmatic implicatures associated with these constructions and, finally, the syntactic structure that underlies them.

### KEYWORDS

Adversative coordination; conjunctions; semantic/pragmatic values; syntactic configurations

RECEBIDO 2024-01-23; ACEITE 2024-03-18

## 1. Introdução

Diferentemente do espanhol, que possui duas conjunções coordenativas adversativas distintas (*pero* e *sino*), o português europeu possui apenas a conjunção *mas*, veiculando quer o valor de negação de expectativas quer o de correção, classicamente associados a construções com a conjunção adversativa.

Em línguas que têm apenas um *mas*, como o português ou o francês (veja-se Anscombe & Ducrot 1977), assume-se classicamente que o valor de correção está principalmente associado a construções do tipo *não X mas Y* (cf. Horn 2001) ou *X mas não Y*, como ilustramos nos exemplos (1) e (2), respetivamente:

(1) O João leu *não um livro mas uma revista*.

(2) O João leu *uma revista mas não um livro*.

Construções adversativas que não correspondem a estruturas corretivas, dependendo do conteúdo dos seus termos, poderão ser incluídas no grupo que veicula negação de expectativas, como é o caso de (3):

(3) O João comprou um carro, *mas não tem carta de condução*.

Neste trabalho, iremos analisar construções em que ocorre *mas* e que veiculam, como mostraremos, o valor de contraste e o subvalor de negação de expectativas (secção 2). Definiremos a forma como se estabelece este valor, na frase ou em relação a um contexto (subsecção 2.1.); o conceito de expectativa (subsecção 2.2.); as implicaturas pragmáticas associadas a estas construções (subsecção 2.3.); e, também, a sua configuração sintática (secção 3). Quanto à estrutura sintática, tomaremos em conta, entre outros, os trabalhos de Flamenco García (1999) e Vicente (2010), sendo que este último assume que a estas frases é possível estar subjacente uma estrutura de coordenação frásica ou subfrásica, e também o de Steindl (2017), que considera que a conjunção adversativa, por possuir as propriedades típicas de uma conjunção, é transcategorial, podendo, por isso, articular diferentes tipos de constituintes. Na análise que apresentamos, temos em conta a presença *vs.* ausência de um marcador de negação (subsecção 3.1.) e a natureza dos constituintes articulados pela conjunção (subsecção 3.2.). Por fim, na secção 4., tecemos algumas conclusões, tentando interrelacionar sintaxe, discurso e valores semânticos / pragmáticos.

## 2. Valores das conjunções adversativas

Desde Anscombe & Ducrot (1977) que existem propostas teóricas que consideram que, em várias línguas, há dois valores associados à conjunção adversativa, que podem, em línguas como o francês, ser realizados da mesma forma (*mais*), ou, em línguas como o espanhol e o alemão, ter duas realizações distintas (*pero* e *sino*; *aber* e *sondern*, respetivamente). Também Horn (1989) refere que, em línguas em que existe apenas uma conjunção adversativa, há ambiguidade lexical.

Sobre o valor prototípico das conjunções, Cunha & Cintra (1986), Varela (2000), Matos (2003) e Matos & Prada (2005), na senda de Anscombre & Ducrot (1977) e Flamenco García (1999), e.o., referem que, dependendo do potencial semântico dos termos coordenados, as conjunções simples podem assumir outros, como, por exemplo, um valor cumulativo ou enfático:

(4) Essa criança corre, *mas* corre. Matos & Prada (2005: 710)

(5) Ela tem trabalhado muito *mas* mesmo muito. Matos (2003: 568)

Visando captar os diferentes valores associados a *mas* no português europeu, perspectivas divergentes têm sido defendidas: Barros (1998), Prada (2000, 2003) e Matos & Prada (2005) procuram aproximar os valores que podem estar associados à conjunção adversativa e consideram a existência de apenas uma conjunção adversativa; por outro lado, Sousa (2006, 2014) assume a existência de dois *mas*, respetivamente com valores de correção e negação de expectativas, que correspondem apenas a uma forma. Barros (1998), recorrendo a argumentos de ordem síncronica e diacrónica, propõe que é possível unificar os valores de *mas*, uma vez que, em maior ou menor grau, os segmentos por ele conectados exibem sempre uma relação de contraste. Como se mostrará adiante, na secção 2.1., apesar de, neste trabalho, se admitir que *mas* tem um valor básico de contraste, poderá corresponder a mais de uma conjunção (homónima) consoante o subvalor que detém.

Em relação às conjunções adversativas do espanhol, Flamenco García (1999) considera também que estabelecem uma relação de contraste entre os termos coordenados, porém, dependendo do tipo de contraste que se estabelece, teremos dois tipos de frases coordenadas com conjunções diferentes. Segundo o autor, o contraste pode ser parcial ou total, dando origem a estruturas adversativas restritivas ou excludentes, respetivamente.

Apresentam-se abaixo as frases que o autor utiliza para ilustrar estes dois tipos de contraste: na frase em (6a) a interpretação que obtemos é a de que há um contraste entre as características apresentadas (o contraste entre os termos é parcial), porém, na frase (6b) as características são apresentadas como contraditórias ou excludentes (o contraste é total). Retomando outras designações, em (6b), por exemplo, temos uma construção coordenada adversativa corretiva, uma vez que o conteúdo do primeiro termo coordenado é rejeitado e no segundo termo coordenado é oferecida uma alternativa verdadeira.

- (6) a. Pepe no es inteligente, *pero* es trabajador.  
 b. Pepe no es inteligente, *sino* que es trabajador.  
 Flamenco García (1999: 3856)

Para o português, Prada (2002) também considera que a relação de contraste entre os termos articulados pela conjunção adversativa pode apresentar um grau de contraste variável: “não existem duas conjunções no Português Europeu, *mas* apenas uma, cuja carga semântica característica é o contraste, *mas* que, em determinadas circunstâncias, poderá este valor enfraquecer e ser suplantado por outro.” (Prada 2002: 382).

Em português, Matos & Raposo (2013: 1800-1801), na senda de Anscombe & Ducrot (1977) e Flamenco García (1999), referem que a conjunção adversativa pode veicular dois tipos de contraste: (i) semântico, quando o contraste se estabelece através das propriedades semânticas dos termos coordenados (veja-se (7)); e (ii) pragmático ou argumentativo, quando o contraste decorre de pressupostos associados às expectativas do falante (veja-se (8)).

(7) Muitos professores *mas* poucos alunos aderiram à greve.

(8) Ela vivia num edifício antigo *mas* bem conservado.

Matos & Raposo (2013: 1800)

Varela (2000: 37), por seu lado, considera que o conceito de construção adversativa “identifica-se, *grosso modo*, com o apresentado para o tipo *negação de expectativa*”, correspondendo assim “à ideia geral de que na estrutura adversativa existe uma asserção e uma proposição implícita, a qual envolve uma expectativa negada e contradiz o real.” Este valor adversativo encontra-se em frases como a que se apresenta abaixo:

(9) John is tall but he’s not good at basketball.

Lakoff (1971) *apud* Varela (2000: 37)

Quanto ao valor adversativo da frase, a autora refere que a partir do conteúdo do primeiro termo é possível asserir que se o João é alto, será bom em basquetebol, porém o conteúdo do segundo termo nega esta expectativa.

Em suma, apesar de a conjunção adversativa poder adquirir outros valores dependendo da estrutura e do conteúdo dos termos que articula, assumimos que a todas as construções em que surge está subjacente o valor de contraste.

Tomando por base a definição de Foolen (1991), consideramos que o valor de **Contraste** ocorre em construções em que os termos coordenados descrevem dois estados de coisas comparáveis, que estão numa relação de divergência, ou seja, diferem em alguma propriedade relevante. Exemplificando:

(10) Esta turma de literatura tem quatro rapazes *mas* oito raparigas.

Tendo em conta os valores de *but*, Foolen (1991: 90) refere que, ainda que o valor de contraste não seja intrínseco à conjunção, ele ocorre porque “*but* is reserved, in the context of two contrasting conjuncts, for adding a denial of expectation meaning, which leads, in the pragmatic interpretation, to a strengthening of the contrastive comparison.” Assim, o *but* que poderia ocorrer em (11) surgiria numa relação de comparação contrastiva que contém dois estados de coisas (*states of affairs*), que parecem ser independentes entre si (Foolen 1990: 83).

(11) A: Do you see a difference between John and Peter?

B: Yes, John is big *and* Peter is small.

Se considerarmos que o valor de contraste é menos saliente em construções predicativas e que a conjunção adversativa pode, em alguns casos, alternar com a conjunção copulativa (cf. (12b)), perder-se-ia, neste último caso, uma interpretação apenas contrastiva e obter-se-ia (12b), que parece permitir uma acumulação dos dois valores: contraste, pelo conteúdo dos termos, e adição, pela presença da conjunção copulativa.

- (12) a. O João é alto, *mas* o Pedro é baixo.  
b. O João é alto *e* o Pedro é baixo.

O mesmo acontece em frases como (13), em que os quantificadores *alguns* e *muitos* garantem o valor de contraste numa construção copulativa, alternativa à adversativa (cf. (13a)):

- (13) a. Alguns alunos *mas* muitos professores aderiram à greve.  
b. Alguns alunos *e* muitos professores aderiram à greve.

Em português, em construções de coordenação de sintagmas subfrásicos sem valor predicativo, o valor básico de *mas* parece ser de oposição / contraste.

O valor de contraste não está, no entanto, garantido pela presença da conjunção adversativa, já que, caso os termos coordenados não apresentem uma relação de oposição (que existe entre quantificadores como *alguns vs. muitos*), a frase torna-se agramatical:

- (14) \*O João *mas* a Maria aderiu à greve.

Assim, o conteúdo dos termos coordenados é fundamental para o estabelecimento do valor de contraste veiculado pelo *mas*.

Quanto a construções predicativas adjetivais, como (15), consideramos que transmitem um contraste entre características, assumindo que *tímido* é, de acordo com crenças sociais / culturais, visto como tendo um valor negativo e, por outro lado, *inteligente* é encarado como tendo um valor positivo.

- (15) O João é tímido *mas* inteligente.

De forma a tentar mais claramente identificar o valor de (15) e perceber se o segundo termo coordenado pode, neste caso, negar alguma expectativa face ao primeiro, poderemos testar a aceitabilidade da coocorrência da conjunção com a expressão “contra (todas) as expectativas / contra o expectável”, que força essa interpretação:

- (16) # O João é tímido, *mas*, contra o expectável, inteligente.

A estranheza de (16) estará relacionada com o facto de o conteúdo dos termos coordenados [tímido, inteligente] designar características que estão, tipicamente, dissociadas em termos sociais. O seu valor será, então, de contraste, uma vez que não nos parece que, à partida, *tímido* gere algum tipo de expectativas. Porém, caso se admita que a valoração positiva ou negativa destas

características está associada a crenças sociais / culturais, poderemos assumir a possibilidade da presença do valor de negação de expectativas<sup>1</sup>.

No caso de (17), o valor de negação de expectativas (num sentido mais amplo, ligado a conhecimento pragmático) parece-nos mais direto, por o conteúdo do primeiro termo gerar expectativas tipicamente com valor negativo, e, por isso, a ocorrência de *mas* e da expressão “contra todas as expectativas” ser pragmaticamente mais apropriada:

(17) O Pedro é político, mas, contra todas as expectativas, honesto.

Tendo em conta que é deste tipo de construções que nos queremos ocupar, iremos, na secção seguinte, definir o valor de negação de expectativas em frases adversativas e propor um esquema que pretende dar conta do valor e do subvalor de *mas*.

## 2.1 O subvalor de negação de expectativas

Partindo da definição de Vicente (2010), propomos que o valor de *Negação de Expectativas* está associado a construções em que um termo coordenado gera expectativas que são negadas (explícita ou implicitamente) pelo conteúdo de outro termo, como no exemplo abaixo, em que o conteúdo do primeiro termo gera a expectativa de um dia de sol.

(18) O João vai à praia, mas está a chover.

Queremos clarificar que, na nossa análise, o valor de negação de expectativas se restringe ao valor que se pode obter pela combinação do conteúdo dos termos coordenados (cf. (18) e (20)), i.e., não estamos a ter em conta um sentido mais amplo de negação de expectativas em que uma estrutura (adversativa ou de outro tipo) pode ter este valor em relação a um contexto (cf. (19)). Exemplificamos esta diferença, abaixo:

(19) Negação de expectativas (sentido amplo)

[A Maria e a Joana sabem que a Ana casou com um homem alemão e, por questões ligadas a estereótipos, pensam que ele é loiro. Há poucos dias, a Maria conheceu o marido da Ana e, hoje, quando viu a Joana, disse-lhe:]

Maria: a. O marido da Ana é moreno!  
 b. Afinal, o marido da Ana é moreno!  
 c. O marido da Ana é alemão, mas é moreno.

1 O mesmo pode acontecer numa frase como (i), em que o primeiro termo, por si, não cria expectativas, mas por, tipicamente, a cor castanha poder ser imaginada como escura é possível negar a expectativa do interlocutor, acrescentando [mas claro]. Consideramos que este tipo de frase poderá ter um valor de negação de expectativas, mas num sentido mais amplo.

(i) O sofá é castanho, mas claro.

(20) Negação de expectativas (sentido estrito)

O João comprou um carro, mas não tem carta de condução.

Na negação de expectativas no sentido estrito, e seguindo Flamenco García (1999), um termo coordenado pode gerar (várias) expectativas e o conteúdo do outro termo permite negar uma delas<sup>2</sup>. De forma a clarificar o nosso raciocínio, apresentamos a tabela abaixo:

**Tabela 1:** Exemplo de frase adversativa (primeiro e segundo termos) e expectativas geradas pelo primeiro termo.

1º termo coordenado	Possíveis expectativas geradas	2º termo coordenado (que nega uma expectativa)
O João comprou um carro	tem carta de condução	mas não tem carta de condução.
	tem dinheiro	mas pediu um crédito.
	gosta de conduzir	mas não gosta de conduzir.

Reforçamos, assim, que apenas iremos considerar o valor de negação de expectativas neste sentido estrito, associado às expectativas geradas pelo conteúdo dos termos coordenados.

Assim, em português, como referido, o valor base da conjunção adversativa é o de contraste, embora a conjunção possa adquirir subvalores dependendo do tipo de construção e do conteúdo dos termos coordenados com que ocorre. No caso de coordenações de sintagmas subfrásicos sem valor predicativo e de algumas construções predicativas adjetivais, o nexa entre os termos será apenas de contraste; por outro lado, em construções de coordenação frásica e em várias predicativas adjetivais o valor é de negação de expectativas, além de contraste.

Esquemáticamente, propomos, então, que, em português, o valor mais abrangente da conjunção adversativa é o de contraste, a partir do qual é possível derivar outros valores. Assim, *Contraste* é o valor base da conjunção e está subjacente a todas as construções de *mas* e o valor de *Negação de Expectativas* é facilitado em coordenação de frases e também naquelas em que ocorre um elemento negativo.



**Figura 1.** Representação ilustrativa dos valores de *mas*

2 Nas secções 2.2. e 2.3. iremos abordar o conceito de expectativas e o efeito que as implicaturas pragmáticas associadas à conjunção têm sobre as expectativas.

Pelo que foi dito acerca dos valores da conjunção *mas* nas construções em análise, propomos que esta conjunção está associada no léxico, entre outros, ao seguinte conjunto de traços semânticos: [contraste] e [negação de expectativas]<sup>3</sup>. Estes traços são interpretáveis, logo, não interferem na componente sintática, fornecendo, no entanto, instruções para a componente semântica, ou seja, sendo relevantes para a interpretação.

Apesar de tipicamente se considerar a valoração de traços como um mecanismo binário (+ ou -), admitimos que uma análise com traços privativos (presença ou ausência), que, por questões de clareza, designaremos *absolutos*, pode, no caso destes traços semânticos da conjunção adversativa em português, apresentar vantagem.

Como a figura acima ilustra, o valor de contraste está presente em todas as construções com *mas*, por isso propomos que na conjunção está presente um traço (absoluto) com este valor. O traço [negação de expectativas], por corresponder a um subvalor desta conjunção, estará presente apenas num subconjunto de construções adversativas.

Apresentamos, abaixo, uma tabela que pretende ilustrar a associação destes traços a *mas* nas frases em estudo.

**Tabela 2:** Exemplos de frases adversativas e traços associados à conjunção

Frases	Traços
O grupo tem seis mulheres mas dez homens.	[contraste]
O João vai à praia mas está a chover.	[contraste] [negação de expectativas]

Quanto às consequências da associação de *mas* aos traços de apenas [contraste] ou [contraste] e [negação de expectativas], de acordo com o programa minimalista, assumimos a existência de conjunções adversativas homónimas em português, que no caso dos conjuntos de valores considerados neste estudo seriam duas, como se verifica na tabela acima<sup>4</sup>. Assim, a intenção do falante ao produzir a frase determinará a seleção para a numeração de uma das conjunções adversativas homónimas associada a um conjunto de traços.

Admitimos que esta proposta pode ser problemática pelo peso que é necessário atribuir ao léxico pela multiplicação de itens. Apesar de a discussão entre vantagens e desvantagens desta hipótese ser interessante, por estar fora do escopo deste trabalho, iremos deixá-la para trabalho futuro.

## 2.2 O conceito de expectativa

Apesar de se tratar de uma questão paralela, consideramos importante abordar, ainda que brevemente, o conceito de expectativa. Além disso, como mostraremos na secção seguinte, as construções adversativas estão associadas a implicaturas pragmáticas, que são um dos fatores que leva à criação de expectativas.

3 Como Fábregas (2022) refere, há ainda muitos casos de que a teoria de traços não consegue dar conta. Apresentamos, em (i), para o PE, um caso em que não nos parece clara a forma como os pronomes atribuem género ao adjetivo: (i) Eu e tu somos simpáticas.

4 Note-se que, tomando em conta a existência de frases adversativas com valor de correção, como as que apresentámos em (1) e (2), seria necessário admitir uma terceira conjunção adversativa com os traços [contraste] e [correção].

Assim, tendo em conta que o nosso objetivo é tratar construções com valor de *negação de expectativas*, tentaremos, de seguida, estabelecer o que se entende por *expectativa*.

Panitz *et al* (2021: 1) definem expectativas como “probabilistic beliefs about the future that shape and influence our perception, affect, cognition, and behavior in many contexts.” Os autores consideram que recorremos às expectativas, sejam estas sobre nós, os outros ou o mundo que nos rodeia, para antecipar o futuro e, assim, facilitar o sucesso do nosso percurso. Além disso, as expectativas influenciam as nossas decisões e moldam o nosso comportamento, antecipando experiências de várias formas: as expectativas podem ajudar a otimizar comportamentos funcionais, como, por exemplo, de pesquisa visual, ou outras ações mais complexas relacionadas com a proteção face a ameaças (Panitz *et al* 2021: 1-2). Os autores dividem, de forma geral, as expectativas em três tipos: (i) as de estereótipo, que influenciam a forma como percebemos e tratamos as pessoas que têm diferentes opiniões políticas, que pertencem a grupos étnicos ou religiosos diferentes, ou que têm problemas de saúde física ou mental; (ii) as de tratamento, que influenciam o comprometimento com sessões de psicoterapia e, conseqüentemente, os benefícios que daí advêm<sup>5</sup>; e, por fim, (iii) as de desempenho, que influenciam o modo como definimos, adaptamos e perseguimos nossos objetivos (Panitz *et al* 2021: 2).

Sobre construções que geram expectativas, consideramos pertinente referir também o trabalho de Amaral & Del Prete (2020), sobre o português, que aborda o valor de construções do tipo *Acabar por + V*, como em (21):

(21) Depois de uma manhã de sol acabou por chover. (Amaral & Del Prete 2020: 2)

Estas construções, tal como as de *mas*, veiculam o valor de que o que ocorre é, por algum motivo, inesperado. Amaral & Del Prete (2020: 18) consideram que o valor desta perífrase se obtém através da interação de duas componentes:

(i) the presupposition that there was an expectation regarding the outcome of an event sequence, and (ii) the factual assertion that an eventuality occurred, where the final occurrence of the eventuality defeats that expectation. For example, the two meaning components in which we analyze *Acabou por chover* ‘It ended up raining’ are represented by (p) and (a):

(p) Other things being equal, the occurrence of rain was considered less likely than no-rain. (Modal presupposition)

(a) It rained. (Factual assertion)

Embora neste trabalho se utilizem como sinónimos *crença/expectativa* e *acreditar/esperar*, Amaral & Del Prete (2020: 27), tomando por base outros trabalhos, estabelecem uma distinção entre estes conceitos, que identificam duas atitudes epistémicas: (i) uma crença sobre se um determinado estado se mantém no presente, e (ii) uma expectativa sobre se uma sequência de eventos terá um determinado resultado. Os autores referem o trabalho de van Benthem (2014) que

5 Os autores consideram que pacientes que tenham baixas expectativas em relação aos benefícios dos tratamentos de psicoterapia irão ter um menor grau de comprometimento com as mesmas.

propõe também uma distinção entre crença e expectativa com base na *logic of games*, sendo que as crenças “are said to be about where we are right now in a game of imperfect information, in which agents may lack relevant information about past moves or the current state of the game”; por outro lado, as expectativas são “about the future course of events in games of perfect information. [...] [where] agents have all the relevant information about the game and uncertainty comes in due to the multiplicity of the possible future courses of events” (Amaral & Del Prete 2020: 29-30). Os autores notam ainda o facto de as expectativas poderem, em alguns casos, advir de crenças: “from my believing that Micha is Ukrainian, certain expectations may follow, e.g., that if I tried to verify this in the future, I would find that Micha is Ukrainian”, embora nem sempre assim seja, uma vez que, por exemplo, acreditar que o João vai a uma festa amanhã é, por si, uma expectativa (cf. Amaral & Del Prete 2020: 28).

Assim, com base nos aspetos mencionados, consideramos que em construções de *mas* com valor de negação de expectativas podem interferir crenças (cf. (22)) e expectativas (cf. (23)), que estão relacionadas inclusivamente com aspetos culturais (cf. Schwenter, 2000, para o espanhol, subsecção 2.3.) e que são canceladas pela ocorrência da conjunção adversativa.

(22) É sueco, mas é moreno. (Varela 2000: 27)

(23) O João estudou muito para o exame, mas reprovou.

Tratando-se de uma distinção que nem sempre é muito óbvia e que não parece ser fundamental para o estudo das construções de que nos ocupamos, trataremos ambos os casos ilustrados acima como associados a um valor de negação de expectativas.

### 2.3 Conjunções adversativas e implicaturas pragmáticas

Iremos, nesta subsecção, apresentar os principais aspetos analisados por Koenig & Benndorf (1998) e Schwenter (2000), relativamente às propriedades pragmáticas associadas às conjunções adversativas.

Koenig & Benndorf (1998) e Schwenter (2000) focam os seus trabalhos em línguas que, para a conjunção adversativa, têm dois morfemas distintos, como o alemão e o espanhol. Koenig & Benndorf (1998: 1) afirmam que o objetivo do seu trabalho é “to assess the kinds of constraints on their contexts of occurrence words can impose”, assumindo, assim, que as palavras (individualmente) podem codificar conteúdo pragmático.

Ao analisar as conjunções adversativas do alemão, os autores concluem que o comportamento de *aber* (conjunção com valor de negação de expectativas) desafia a divisão estrita que tipicamente se estabelece entre semântica e pragmática, uma vez que “the lexical semantics of *aber* must make reference to what is generally considered the province of pragmatic processes” (Koenig & Benndorf 1998: 10). Além disso, o significado de *aber* não só introduz variáveis cujos valores devem ser especificados pragmaticamente, como também impõe condições aos processos pragmáticos através dos quais os valores das variáveis podem ser determinados (Koenig & Benndorf 1998: 10).

Koenig & Benndorf (1998: 17) concluem que (i) as inferências devem ser distinguidas entre as que se associam a culturas / crenças e aquelas que, por outro lado, não se associam a estes aspetos; e que (ii) as diferenças que se verificam entre as conjunções adversativas do alemão (*aber* e *sondern*) e as implicaturas pragmáticas se devem, principalmente, à presença da negação metalinguística<sup>6</sup> nas construções com *sondern* (conjunção com valor corretivo).

Olhando para casos com valor de negação de expectativas, em (24) surge uma implicatura-R<sup>7</sup> a partir da qual se infere que a Ana realizou as tarefas pela ordem em que são mencionadas no enunciado. Esta interpretação é favorecida pela ocorrência da conjunção *y*, que, de acordo com Schwenter (2000: 9), permite “a more informative reading along the lines of ‘and then’”. Assim, neste exemplo, *pero* tem a função de introduzir informação nova que cancela a potencial implicatura-R.

- (24) Ana barrió el patio y limpió la cocina, **pero** no en ese orden.  
 ‘Ana swept the patio and cleaned the kitchen, but not in that order.’  
 (Schwenter 2000: 9)

Assim, embora Sousa (2014), para o português, não aborde a questão das implicaturas pragmáticas em construções com valor de negação de expectativas, podemos assumir, uma vez que a sua análise de frases adversativas com valor corretivo é coincidente com a de *sino* em espanhol, que o tratamento de *pero* poderia ser adotado para frases com *mas* com valor de negação de expectativas em português.

### 3. Construções adversativas com valor de negação de expectativas

Nesta secção, apresentamos a nossa análise para frases coordenadas adversativas com valor de negação de expectativas, tomando em conta a influência da presença ou ausência de um marcador de negação e, também, a natureza dos constituintes articulados por *mas*.

#### 3.1 Presença ou ausência de um marcador de negação

Em (25) retomamos um exemplo de uma construção em que a conjunção *mas* ocorre com valor de negação de expectativas, ou seja, em que é selecionada para a numeração com os traços [contraste] e [negação de expectativas]:

- (25) O João vai à praia, mas está a chover.

6 Na subsecção 3.1., iremos definir o conceito de negação metalinguística.

7 No trabalho de Schwenter (2000), as implicaturas-R são apresentadas como relacionadas com as nossas expectativas em relação ao nosso conhecimento do mundo e, por isso, permitem enriquecer a interpretação para lá do que é dito.

Como referido por Vicente (2010: 384), a construção de exemplos com *mas* com valor de negação de expectativas requer especial cuidado, já que é necessário que o conteúdo do segundo termo coordenado se apresente como inesperado em relação ao primeiro, tendo em conta expectativas / crenças de vários tipos, num sentido estrito. Este requisito é cumprido no exemplo (25), pois [está a chover] é inesperado em relação à proposição anterior. Porém, tal não acontece no exemplo (26):

(26) ?Está sol, mas o João vai à praia<sup>8</sup>.

Os estudos sobre construções adversativas, tipicamente, analisam a presença/ausência de negação e também a natureza da negação que ocorre, podendo alternar entre descritiva e metalinguística.

Horn (2001) retoma o trabalho de Anscombe & Ducrot (1977) e considera que os dados do inglês confirmam a proposta dos autores de que a negação que (opcionalmente) ocorre em construções com a conjunção adversativa com valor de negação de expectativas é descritiva, diferentemente da negação metalinguística que ocorre em construções com a conjunção adversativa com valor corretivo.

Sobre a negação, Horn (2001: 364) refere que esta pode ter duas leituras: uma, a que Horn se refere como *normal*, em que as pressuposições são preservadas e em que surgem lacunas nos valores de verdade quando uma das pressuposições falha (negação descritiva); outra, uma leitura *marcada*, em que as pressuposições são potencialmente removidas ou transformadas em implicaturas (negação metalinguística).

Horn (2001: 392) refere que, quando a negação é usada de forma metalinguística, opera num nível distinto daquele em que está, superficialmente, o resto da frase. De acordo com o autor, é por este motivo que a negação metalinguística não permite a incorporação da negação sob a forma de um prefixo e não consegue legitimar a ocorrência de itens de polaridade negativa (veja-se (27)).

- (27) a. Chris managed to solve some problems.  
 b. Chris didn't manage to solve any problems.  
 c. Chris didn't manage to solve {some / \*any} problems - he solved them easily.  
 (Horn 2001: 368)

No exemplo acima, temos em (27b) a versão com negação descritiva de (27a), em que *any* (um item de polaridade negativa) ocorre no escopo da negação, sendo, por isso, a sua ocorrência legítima. No caso de (27c), temos uma construção com valor contrastivo e, por isso, com negação metalinguística, causando, assim, a agramaticalidade na coocorrência com *any*. Tal não acontece com *some*, que é um item de polaridade positiva, e, por isso, compatível com negação metalinguística (cf. (27c)).

8 Note-se, no entanto, que o contexto situacional / pragmático poderia legitimar a ocorrência da frase, já que o João poderia sofrer de uma doença de pele, que o impediria de apanhar sol. Neste caso, seria negada uma expectativa, no sentido amplo, presente no *common ground* (e não no conteúdo do primeiro termo coordenado).

Em relação à conjunção adversativa com valor de negação de expectativas, Vicente refere que não está associada à negação do conteúdo do primeiro termo coordenado, nem requer a presença de um constituinte negativo que legitime a sua presença, tal como se verifica no exemplo abaixo:

(28) Randy is a taxi driver, but he has a truck driving license. (Vicente 2010: 384)

Vicente, para o espanhol, assume, como Horn (2001), que, em contextos em que *pero* interage com negação, a negação que ocorre não é de carácter metalinguístico, por ser permitida a sua coocorrência com itens de polaridade negativa (NPIs) e palavras-N (*N-words*)<sup>9</sup> pós-verbais:

(29) No he estado nunca en México, pero he estado en Canada. (Vicente 2010: 385)

Também, sobre frases coordenadas com *pero*, Vicente afirma que a negação tem de ter escopo sobre os dois termos coordenados, como em (30) em que a negação afeta os dois adjetivos coordenados:

(30) Susana no es [<sub>AP</sub> pobre pero honesta]<sup>10</sup>. (Vicente 2010: 405)

Em relação ao português, verifica-se o mesmo comportamento quanto à presença de negação, i.e., não é obrigatória e, quando ocorre, tem um valor descritivo. Porém, diferentemente do que Vicente propõe para o espanhol, em português, *mas* bloqueia o escopo da negação e, por isso, quando o elemento negativo ocorre no primeiro termo coordenado, não tem escopo sobre o segundo. Neste aspeto, a coordenação aditiva (31) apresenta um comportamento distinto face à adversativa (32):

(31) O João não comeu laranjas e maçãs.

(32) O João não comeu laranjas, mas maçãs<sup>11</sup>.

Ainda sobre a negação nestas construções adversativas, Steindl (2017: 128), na sua análise para o alemão, propõe que o constituinte negativo não tem uma relação muito próxima com a conjunção adversativa *aber* e, por isso, pode ocorrer tanto no primeiro como no segundo termo coordenado:

9 Termo cunhado por Laka (1990) para referir constituintes nominais ou adverbiais que ocorrem em construções de concordância negativa (como por exemplo, *nada, ninguém,...*).

Note-se, porém, que em contextos restritos no PE atual é possível que estas *n-words* também ocorram sem valor negativo em construções em que, conseqüentemente, não são legitimadas por negação, quer se assuma que [mais do que ninguém] corresponde a um sintagma pós-verbal, ou a uma frase elíptica, como se ilustra em (i.b):

(i) a. Ele correu mais do que ninguém. (ninguém = qualquer outra pessoa)  
b. Ele correu mais do que ninguém **correu mais**.

10 Esta frase foi apresentada a um grupo de falantes nativos de espanhol, alguns com formação em Linguística, porém nenhum considera a frase boa ou possível a leitura em que a negação tem escopo sobre os dois termos coordenados.

11 Apresentamos, neste caso, uma frase coordenada adversativa com valor corretivo por considerarmos, nestes casos, mais óbvio o bloqueio do escopo da negação.

- (33) a. *Den Wolf hat Sonja gestreichelt, aber {nicht} den Hund {nicht}.*  
 the wolf has Sonja petted, but not the dog not.  
 ‘Sonja petted the wolf, but she didn’t pet the dog.’
- b. *Den Wolf hat Sonja nicht gestreichelt, aber den Hund.*  
 the wolf has Sonja not petted but the dog.  
 ‘Sonja didn’t pet the wolf, but she petted the dog.’  
 (cf. Steindl 2017: 39)

Quanto às propriedades das construções de *mas* com valor de negação de expectativas em português, consideramos que podem, como em espanhol (veja-se o exemplo (26)), ocorrer sem negação, como se verifica em (34)-(36). Note-se, ainda, que apesar de nestes exemplos não ocorrer um constituinte com negação explícita, em (34) e (35), o segundo termo apresenta verbos com valor negativo, como, por exemplo, *reprovar*, que na frase dada tem o valor de *não passar*. Os exemplos em (25) e (36), mostram, contudo, a possibilidade da ausência de negação ou palavras com valor negativo.

(34) O João estudou muito para o exame, mas reprovou.

(35) A Maria ama o marido, mas divorciou-se.

(36) Gosto daquele relógio, mas é muito grande.

Apesar de a presença de um constituinte negativo não ser obrigatória, um elemento de negação de carácter descritivo pode ocorrer tanto no primeiro como no segundo termo coordenado, como nos exemplos (37) e (38):

(37) O Pedro *não* tem carta de condução, mas comprou um Opel.

(38) O Pedro comprou um Opel, mas *não* tem carta de condução.

Pelo facto de, nestes exemplos, a coocorrência de *não* com um item de polaridade negativa não causar agramaticalidade e ocorrer concordância negativa (cf. (39) e (40) vs. (41)), assumimos a negação como descritiva (cf. Horn 2001).

(39) O Pedro *não* tem *nenhuma* carta de condução, mas comprou um Opel.

(40) O Pedro comprou um Opel, mas *não* tem *nenhuma* carta de condução.

(41) \*O Pedro tem *nenhuma* carta de condução, mas comprou um Opel.

### 3.2 Natureza dos constituintes coordenados

Tipicamente, os trabalhos que analisam os valores da conjunção adversativa pretendem também compreender se existem assimetrias em relação aos constituintes que podem ser articulados.

Em relação às conjunções adversativas em espanhol, Flamenco García (1999: 3857) refere que *pero* pode articular vários tipos de constituintes, exceto sintagmas nominais sem negação nem adjetivos. De forma a ilustrar esta restrição associada aos sintagmas nominais, o autor apresenta os exemplos abaixo:

- (42) a.\*He pedido una ensaimada, pero una tostada.  
b. {No / - } he pedido una ensaimada, pero {sí / no} una tostada.

- (43) a.\*Esa chica tiene ojos, pero cabellos.  
b. Esa chica tiene ojos grises, pero cabellos negros.  
Flamenco García (1999: 3857)

Flamenco García (1999: 3857) assume que a natureza lógica do contraste requer que se manifeste uma oposição entre os dois constituintes e que tal não é possível com nomes ou verbos, uma vez que, de acordo com o autor, estes tipos de constituintes não podem contrastar porque a oposição semântica exige que os elementos tenham um ponto de referência comum. Verifica-se o mesmo comportamento em português, tal como mostrámos nos exemplos (13) e (14), na secção 2.

Vicente (2010: 385) apresenta uma proposta diferente da de Flamenco García para o espanhol e assume que *sino* (conjunção com valor corretivo) tem sempre de ocorrer em construções de coordenação frásica, diferentemente de *pero* (conjunção com valor de negação de expectativas), que permite, além da coordenação frásica, a articulação de constituintes menores.

Steindl (2017: 20), retomando os dados de Vicente em relação aos constituintes que podem ser articulados, refere que a proposta do autor não é fundamentada e que as coordenações com valor corretivo tendem a coordenar constituintes subfrásicos e que, por outro lado, a conjunção com valor de negação de expectativas não impõe restrições ao tipo de constituintes que nela possam ocorrer.

Quanto à estrutura sintática de construções de *mas* com valor de negação de expectativas, admitimos, como acontece em outros trabalhos referidos anteriormente (Anscombe & Ducrot 1977, Flamenco García 1999, e.o.)<sup>12</sup>, que correspondem a casos de coordenação frásica, tal como evidenciado nos exemplos abaixo pela impossibilidade de ocorrência de negação de constituintes.

- (44) \*O Pedro tem **não** carta de condução, mas comprou um Opel.

- (45) \*O Pedro comprou um Opel, mas tem **não** carta de condução.

12 Exclui-se a proposta de Vicente (2010) que assume que a coordenação adversativa com valor de negação de expectativas pode articular constituintes subfrásicos.

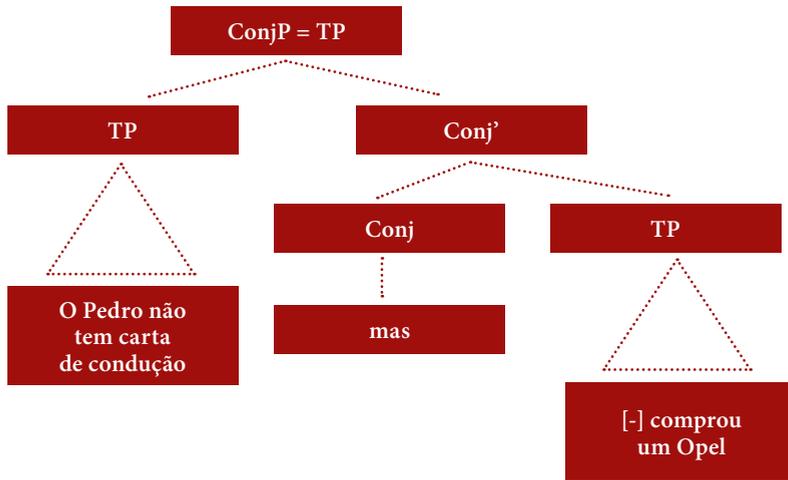
Esta agramaticalidade pode também ser parcialmente explicada, admitindo que os constituintes contrastados, numa correção, têm de ser discursivamente coerentes e devem desempenhar funções sintáticas simétricas. No caso de (44), o marcador de negação focaliza um constituinte subfrásico [carta de condução] que contrasta com uma frase de sujeito nulo ou com um sintagma verbal [comprou um Opel]. Em relação a (45), uma vez que não há um marcador de foco no primeiro termo coordenado, admite-se que toda a frase é a contrapartida do constituinte focalizado no segundo termo [carta de condução].

Também a possibilidade de encaixar o segundo termo coordenado numa frase subordinada é evidência da natureza frásica da coordenação (veja-se (46a) vs. (46a')):

- (46) a. O Pedro comprou um Opel, *mas disse que* não tem carta de condução.  
a'. \*O Pedro comprou um Opel, *mas disse que* carta de condução.

Assim, assumimos que a frases como (47a) está subjacente uma configuração sintática como (47b):

- (47) a. O Pedro não tem carta de condução, *mas* comprou um Opel.  
b<sup>13</sup>.



Consideramos, seguindo Matos (2000), que esta estrutura pode corresponder a um sujeito ATB, uma vez que, quando há coincidência de traços, o constituinte que ocorre numa posição mais à esquerda pode *c*-comandar o sujeito do segundo termo coordenado. Também Canceiro (2016), em construções em que o sujeito do segundo termo coordenado é omitido, sugere que ocorre, preferencialmente, movimento *across-the-board* (ATB), embora assuma que também é possível que no segundo termo coordenado a posição de sujeito seja preenchida por um sujeito pronominal sem realização lexical, *pro*. A configuração que apresentamos em (47b) permite dar conta destas duas possibilidades.

13 Esta estrutura permite dar conta de uma análise de sujeitos ATB, uma vez que quando o sujeito do segundo termo é omitido e há coincidência dos valores dos traços dos verbos, a leitura preferencial é de correferência.

Note-se que a ambiguidade entre *pro* e movimento ATB só é possível pela partilha de traços-o entre as formas verbais no primeiro e segundo termos coordenados. Caso a forma verbal do segundo termo coordenado não permita a correferência de sujeitos, como em (48), o sujeito será necessariamente *pro*.

(48) O Pedro não tem carta de condução, mas [-] compraste-lhe um Opel.

Conclui-se, deste modo, que as frases adversativas em português europeu com valor de negação de expectativas se caracterizam pela opcionalidade na presença de um elemento de negação de caráter descritivo, por articularem constituintes de natureza frásica e por o material no segundo termo coordenado ser focalizado contrastivamente em relação às expectativas geradas no primeiro termo.

## 4. Conclusões

A observação dos dados de coordenadas adversativas com valor de negação de expectativas levou-nos a propor que, nestas construções, a ocorrência de negação é opcional e que, quando ocorre, o seu valor é tipicamente descritivo. Além disso, a ocorrência de negação de constituintes causa agramaticalidade, devido à natureza frásica de ambos os termos coordenados que não permite que se identifique o correlato do elemento negado. Estas frases caracterizam-se, ainda, por veicularem exclusivamente o valor de negação de expectativas e por, por esse motivo, a sua construção requerer que o conteúdo de um termo coordenado seja inesperado em relação às expectativas geradas pelo conteúdo do outro.

Assim, com este trabalho, pretendemos contribuir para a caracterização das construções adversativas em português europeu, numa perspetiva que articula propriedades semânticas / pragmáticas e sintáticas.

## Referências bibliográficas

- Amaral, P.; & D. P., F. (2020). Predicting the end: Epistemic change in Romance. *Semantics and Pragmatics*, 13, 1–50.
- Anscombre, J.-C.; & Ducrot, O. (1977). *Deux mais en français?* 43, Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 23–40.
- Barros, C. (1998). De *magis* a *mas*: deriva semântica e pragmática. In J. Fonseca, & C. Barros (eds.) *A organização e o funcionamento dos discursos: estudos sobre o Português*, tomo I (pp. 25–48). Porto: Porto Editora.
- Canceiro, N. (2016). *Coordenação, subordinação adverbial e relações referenciais entre sujeitos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Cunha, C.; & Cintra, L. (1986). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Ed. J. Sá da Costa.
- Fábregas, A. (2022) De contrastes. In *El Racionalista Omnívoro* (podcast) <<https://go.ivoox.com/rf/93221847>>
- Flamenco García, L. (1999). Las construcciones concesivas y adversativas. In I. Bosque, & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la Lengua Española*, vol. 3. (pp. 3805–3878). Madrid: Editorial Espasa.
- Foolen, A. (1991). Polyfunctionality and the semantics of adversative conjunctions, *Multilingua*, 10–12, 79–92.
- Horn, L. (1989). *A Natural History of Negation*. Chicago: The University of Chicago Press..
- . (2001) *A Natural History of Negation*. 2<sup>nd</sup> ed. Stanford: CSLI.
- Koenig, J.-P.; & Bendorf, B. (1998). Meaning and context: German ‘aber’ and ‘sondern’. In J.-P. Koenig (Ed.), *Discourse and Cognition: Bridging the Gap*. Stanford: CSLI Publications.
- Matos, G. (2000). Across-the-board clitic placement in Romance languages. *Probus*, 12, 229–259.
- . (2003). Estruturas de coordenação. In M. H. M. Mateus *et alii*, *Gramática da Língua Portuguesa*, 5<sup>a</sup> ed. (pp. 869–913). Lisboa: Editorial Caminho.
- Matos, G.; & Prada, E. (2005). Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. concessivas. In *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 701–713). Lisboa: APL.
- Matos, G.; & Raposo, E. (2013). Estruturas de coordenação. In E. Raposo *et alii* (Orgs.), *Gramática do Português*. vol. II (pp. 1761–1817). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Panitz, C. *et alii* (2021). A Revised Framework for the Investigation of Expectation Update Versus Maintenance in the Context of Expectation Violations: The ViolEx 2.0 Model. *Frontiers in Psychology*, 12, Article: 726432, <doi: 10.3389/fpsyg.2021.726432>
- Prada, E. (2000). *Produção de construções adversativas no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta.
- . (2002). Coordenação adversativa: regularidades e singularidades. In A. Gonçalves, & C. N. Correia (Eds.), *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 377–385). Lisboa: APL.
- . (2003). Produção de contraste no Português Europeu. *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 663–675). Lisboa: APL.
- Sousa, S. (2006). *Contributos para o estudo das construções refutativo-rectificativas em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.
- . (2014). *Contributos para o estudo da refutação em Português Europeu Contemporâneo*. Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra.

- Steindl, U. (2017). *The Grammar of Correction*. Tese de Doutoramento. University of Southern California.
- Schwenter, S. (2000). Spanish connectives and pragmatic implicatures. In H. Campos, E. Herburger, A. Morales-Front, & T. J. Walsh (Eds.), *Hispanic linguistics at the turn of the millennium: papers from the 3rd Hispanic Linguistics Symposium*, pp. 292–307.
- Varela, L. (2000). *Para uma semântica das construções concessivas e adversativas do português*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- Vicente, L. (2010). On the syntax of adversative coordination. *Nat Lang Linguist Theory*, 28, 381–415.



This work can be used in accordance with the Creative Commons BY-SA 4.0 International license terms and conditions (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>). This does not apply to works or elements (such as images or photographs) that are used in the work under a contractual license or exception or limitation to relevant rights.